



RIMAS  
AMAZÔNICAS



2020





RIMAS  
AMAZÔNICAS



2020



2020 by Editora e-Publicar  
Copyright © Editora e-Publicar  
Copyright do Texto © 2020 Os autores  
Copyright da Edição © 2020  
Editora e-Publicar

**Editora Chefe**

Patrícia Gonçalves de Freitas

**Editor**

Roger Goulart Mello

**Diagramação**

Nilton Azevedo e Roger Goulart Mello

**Capa**

Leidijane Rolim da Silva

**Revisão**

Nilton Azevedo

Todo o conteúdo deste livro, dados, informações e correções são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download e compartilhamento da obra são permitidos desde que os créditos sejam devidamente atribuídos aos autores.

A Editora e-Publicar não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

R575 Rimas amazônicas [recurso eletrônico] : antologia de cordel / Elias de Souza... [et al.]; organizador Nilton Azevedo. – Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87207-38-4

1. Literatura brasileira – Poesia. I. Azevedo, Nilton, 1988-.  
II. Souza, Elias de, 1964-. III. Antelo, João Pedro de S., 1992-.  
IV. Uilson, João, 1986-. V. Lopes, Ronilson, 1980-.

CDD B869.1

**Elaborado por Ana Carolina Silva de Souza Jorge – CRB6/2610**

Editora e-Publicar

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

[contato@editorapublicar.com.br](mailto:contato@editorapublicar.com.br)

[www.editorapublicar.com.br](http://www.editorapublicar.com.br)



2020

## Prefácio

Na capa desse livro já é possível encontrar um punhado da alma de muitos brasileiros que transitam no universo simbiótico que une o norte e o nordeste brasileiro. Desta fusão quase magnética, da qual faço parte (minha mãe é amazonense e meu pai é cearense), surgiu a obra que tenho a grande alegria de prefaciá-la: **Rimas Amazônicas: Antologia de Cordel.**

Nas páginas seguintes, encontrarão, a cada respirar, a beleza poética e a arte de rimar.

Mas, muito além disso, está a rica narrativa poética que, certamente, encantar os leitores que deslizarão seus olhos pelas letras miúdas que revelam a beleza e a grandeza genuína do Cordel. São nove textos autorais inéditos que trazem além de histórias, a musicalidade da rima. E já vou lhes dizer:

- Dá até para ler cantando.

O livro começa com o cordel que traz a narrativa sobre assassinatos na Floresta Amazônica, evidenciando aos leitores as cruéis disputas por terra que marcam o território da exuberante floresta disputada pela maldade humana, retratada em **O Assassinato da Irmã Cleusa.**

Logo em seguida, vem **João da Luz** com as suas artimanhas para entrar no céu. É provável que ele seja um parente muito próximo de João Grilo do Auto da Compadecida, criação do gênio nordestino Ariano Suassuna, tenho dito.

O cordel que traz por título **O Coveiro** surpreende ao mostrar o legado daquele que possui a arte de “jogar o barrinho derradeiro”. Já em **A Sina de Josevaldo** temos a história do franzino e valente

Josevaldo do sertão do Ceará, aconselho abrir seu coração para cada Josevaldo que encontrar.

De **José: Origem e Sonho** temos a história bíblica de José do Egito rimada e sentida com riqueza e beleza de detalhes, que convida a todos os homens a entender o poder da fé, da esperança e da paciência em Deus. O que vem depois é um verdadeiro tratado sobre **Envelhecer no Vale**, fazendo-nos refletir sobre os caminhos a serem percorridos no inverno da vida.

Com o **Objeto Voador Não Identificado** sabemos dos detalhes novelescos de um amor entre um jovem casal sob os costumes do bom amancebo amazônico.

Em **O Cafajeste**, o leitor se torna confidente do autor que conta a falta de honradez de um homem ao engravidar uma bela moça. Esse mesmo autor traz **O Fofoqueiro** que descreve com riquezas de detalhes a má fama daquele que vive a espiar e a falar mal dos outros.

Estimados e pretendidos leitores, o que descrevo é uma gota de orvalho comparada ao esplendor de uma chuva amazônica forte e revigorante que simboliza a leitura da obra completa. Então não se acanhe, tome esse banho de cordel e desfrute do banzeiro das rimas que a obra oferece.

Suelem Maquiné  
Tianguá-CE, julho de 2020.

## SUMÁRIO

Prefácio .....	4
O Assassinato de Irmã Cleusa .....	7
João da Luz .....	18
O coveiro .....	20
A sina de Josevaldo .....	23
José: origem e sonho .....	35
Envelhecer no Vale .....	54
Objeto Voador Não Identificado .....	60
O cafajeste .....	73
O fofoqueiro .....	82
Agradecimentos .....	92
Os autores .....	93

## O Assassinato de Irmã Cleusa

Elias de Souza

1.

Fim do século passado  
Foi intensa a turbulência  
Muito sangue derramado  
Em meio à violência  
O AMOR sendo vitimado  
Pelo ódio e truculência.

2.

Em toda parte do mundo  
No campo, vale ou na serra  
Aumentaram os conflitos  
Crueldade, morte e guerra  
Atos estes motivados  
Pelas disputas por terra.

3.

Desse contexto violento  
Lábrea não ficou de fora  
Um pedaço da Amazônia  
Dessa exuberante flora  
Que com sangue derramado  
*Grafou páginas na história.*

4.

No ano de oitenta e cinco  
Em Lábrea um caso se deu  
Que causou muita revolta  
E a todos entristeceu:  
Dois índios e uma freira  
O nosso povo perdeu.

5.

Um homem de mau instinto  
Cometeu esta maldade  
Derramou sangue inocente  
Com requintes de crueldade  
Matando quem não fazia  
Mal nenhum pra humanidade.

6.

DEUS nos dá o livre arbítrio  
A escolha a gente faz  
Enquanto uns seguem a Cristo  
Outros seguem Satanás  
Quem escolhe o antiCristo  
Abre mão do amor e paz.

7.

A opção missionária  
É um ato libertador  
Só quem se guia por Cristo  
Escolhe este labor  
Porque tem um coração  
Guiado pelo AMOR.

8.

Decidir ser missionário  
É gesto de humanidade  
Uma prova de coragem  
De quem tem dignidade  
Que persegue a salvação  
A paz e a liberdade.



9.

Como fez nossa irmã Cleusa  
Deixando a terra natal  
Pra missionar no Purus  
No meio do matagal  
Pregando a Palavra Santa  
Pro nosso povo em geral

10.

Tantos anos missionando  
Levando paz e guarida  
No interior, na cidade,  
Dedicando a sua vida  
Levando o AMOR de Cristo  
Para tanta gente sofrida.

11.

Nas igrejas da cidade  
Nos longínquos castanhais  
Nos rios e igarapés  
E em outros lugares mais  
Defendendo os oprimidos  
Das garras do satanás.

12.

Até que numa missão  
Foi um conflito acalmar  
Onde um ser desumano  
Disposto mesmo a matar  
Findou tirando-lhe a vida  
Às margens do Passiá.

13.

É que um índio conhecido  
Por Raimundo Podivém  
Na aldeia Japiim  
A mando não sei de quem  
Havia matado Arnaldo  
E a dona Maria também.

14.

O Arnaldo era filho  
Do Pumari Agostim  
Que era o cacique da tribo  
Da aldeia Japiim  
Maria era a sua esposa  
Mãe de outros *curumins*.

15.

Em casa Arnaldo e Maria  
Sentiram da morte a garra  
Em vinte e cinco de abril  
É assim que a história narra  
Agostinho estava fora  
E Podivém fez a farra.

16.

Conta o branco Lindomar  
Que a intenção do Podivém  
Era matar Agostinho  
E a família também  
E se não lhe acompanhasse  
Não acabaria bem.

17.

Mortos a mãe e o filho  
Agostinho lamentava  
Em vinte e seis de abril  
Em Lábrea a nova chegava  
Na casa das missionárias  
Quando irmã Cleusa jantava.

18

Em vinte e sete de abril  
Sábado, manhã sombria,  
Cleusa parte para a aldeia  
Onde morrera Maria  
Confortar seu Agostinho  
Era o que ela pretendia.

19.

Que esperasse mais um pouco  
Foi a ela sugerido  
O caso era bem recente  
E o caboclo bandido  
Pelo que o povo sabia  
'Inda estava foragido.

20.

Fátima, a zeladora,  
Achou prudente alertar  
Achando ser arriscado  
Irmã Cleusa ir para lá  
Mas estava decidida  
A própria vida arriscar.

21.

Do senhor Raimundo Paulo  
Cleusa foi acompanhada  
Para que à nobre freira  
Não acontecesse nada  
E no carro do Sessé  
*Botaram o pé* na estrada.

22

O percurso na estrada  
Foi uma viagem boa  
Nenhum perigo aparente  
De animal ou de pessoa  
Chegando ao Rio Passiá  
Proseguiram de canoa.

23.

Seguiram então rio acima  
Rumo à aldeia Japiim  
Raimundo Paulo era o guia  
Dessa viagem sem fim  
Pra onde tristeza e pranto  
Eram o drama de Agostim.

24.

Vinte e oito de abril  
Domingo pela manhã  
A canoa do assassino  
Se encontra com a da irmã  
Era o índio Podivém  
Com espírito de Satã.

25.

Quando se aproximaram  
Irmã Cleusa fez sinal  
Como quem quer conversar  
Mas num instinto brutal  
Um tiro em Raimundo Paulo  
Disparou o marginal

26.

Atingido nos quadris  
Raimundo 'inda ficou lá  
Quando a própria irmã Cleusa  
Resolveu então gritar  
Caia na água meu filho  
Tu tens filhos pra criar!

27.

Assim escapou da morte  
Que o estava esperando  
Disse que ainda ouviu  
Ao longe os dois conversando  
Depois o motor roncou  
A irmã Cleusa levando.

28.

Supõe-se, foi neste dia  
Que ela foi assassinada  
Conforme a perícia médica  
Em Lábrea realizada  
Mais de uma semana após  
De ela ser raptada.

29.

O corpo, só três de maio  
É que foi localizado  
Mas somente dia quatro  
É que ele foi resgatado  
Dava muita dó de olhar  
O corpo fragmentado.

30.

O relatório do médico  
Revela a brutalidade  
Como a nossa irmã Cleusa  
Foi morta com crueldade  
Com requinte de tortura  
E outras *atrocidades*.

31.

Muitas costelas quebradas  
O seu crânio fraturado  
E o seu braço direito  
Parcialmente separado  
O assassino foi frio  
Alguém desumanizado

32.

A perícia constatou  
A coluna fraturada  
Restos de chumbo no tórax  
Mão direita decepada  
Com os seus restos mortais  
Ela não foi encontrada.

33.

Foi o nosso Frei Jesus  
Nome do Filho de Deus  
Que nossos passos conduz  
Onde encontraram o corpo  
Nosso Frei fez uma cruz.

34.

Numa árvore ficou  
O emblema da cristandade  
Como aquela em que Jesus  
Morreu pela humanidade  
Uma homenagem que o Frei  
Deixou com sinceridade.

35.

Do hospital seguiu o corpo  
Para a nossa catedral  
Lugar onde tantas vezes  
Falou pro povo em geral  
Agora só o seu corpo  
Na missa presencial.

36.

Restos mortais num caixão  
Para o seu povo prestar  
As últimas homenagens  
Antes de lhe sepultar  
E a sua alma caridosa  
Para Jesus entregar.

37.

No Cemitério de Lábrea  
Seu corpo foi sepultado  
Seguido pelo seu povo  
Que chorava inconsolado  
Muitas faixas de repúdio  
Pelo fato consumado.

38.

Ficou pra nós seu exemplo  
O seu jeito de viver  
O compromisso com os pobres  
No seu contínuo sofrer  
A devota missionária  
Morreu cumprindo o dever.

39.

Com sangue tingiu as águas  
Por AMOR sofreu a dor  
Comprometida com os planos  
De Jesus o Salvador  
Com coragem foi à luta  
Enfrentar o opressor.

40.

Com sua fé inabalável  
Foi em missão pela vida  
Consolar o irmão que tinha  
No seu peito uma ferida  
De perder esposa e filho  
De uma forma tão sofrida.



41.

Certa de que voltaria  
Com sua missão cumprida  
Sem saber que o assassino  
*Esperava às escondidas*  
Armado com espingarda

42.

Cleusa mártir missionária  
Mensageira do Senhor  
Olhai por nós neste mundo  
Onde impera o desamor  
Rogai por nós junto ao Pai  
Ouvi o nosso clamor.

43.

Pois bem sabemos que tu  
Por anjos estás cercada  
E com o Deus Salvador  
Tens uma eterna morada  
Mas aqui na nossa terra  
A coisa está complicada.

~FIM~

## João da Luz

João Pedro de S. Antelo

1

Quando João da Luz morreu  
E subiu até São Pedro  
Chegou com intimidade  
Como quem tinha amizade  
Já foi logo perguntando  
Qual a porta? Vou entrando  
Quero descansar um pouco  
Da minha vida de louco.

2

Mas São Pedro disse a ele:  
– Olha, péra lá rapaz!  
Aonde pensas que vais  
Desse jeito apressado?  
Tu não vês que tem aqui  
Uma fila pra seguir?  
Acabaste de chegar  
Não podes assim passar!

3

No entanto João da luz  
Que era muito perspicaz  
Com um discurso sagaz  
Tentou convencer São Pedro  
Que ninguém ali do lado  
Dele ia fazer malgrado  
Porque ele era enviado  
De Jesus abençoado.

4

São Pedro ficou olhando  
Pra conversa do malandro  
E retrucou bem baixinho  
Fazendo até um carinho  
Na orelha do bichinho  
Você aqui é mais um  
E com discurso nenhum  
Deixarei você entrar.

5

João da Luz olhou pra cima  
Ficou muito entusiasmado  
Porque foi alumiado  
Pela presença divina  
Que a todos ilumina  
Nos dias de precisão  
João foi estendendo a mão  
E escutou foi um carão.

6

Olha que menino arteiro  
Querendo entrar primeiro!  
Pois aqui no meu portão  
Você tem que respeitar!  
Das ordens que eu te dou  
Não vais poder se safar  
Trate logo de voltar  
Para o final dessa fila!

~FIM~

### O coveiro

Joao Pedro de S. Antelo  
Nilton Azevedo

1.

Sou um coveiro afamado  
Por ninguém fui superado  
Nem com o ferro amolado  
Conseguiram me vencer.  
Por eu ser assim ligeiro  
Sempre era o coveiro  
A ser chamado primeiro  
Para serviços fazer.

2.

Enterrei várias centenas  
Pessoas grandes, pequenas,  
Loiras, ruivas e morenas  
Que não dá nem pra contar.  
Enterrei duque e duquesa  
Outros membros da realeza  
E quem morreu na pobreza  
Com três filhos pra criar.

3.

Sempre fui bem humorado  
Porém ficava calado  
Na hora de ser jogado  
O barrinho derradeiro.  
Em sinal de referência  
Pois no fim da existência  
Desse barro sem clemência  
Também serei prisioneiro.

4.

Devido minha profissão  
Vez por outra um cidadão  
Mesmo sem explicação  
Fica com medo de mim  
Não entendo o motivo  
Pois todo mundo que é vivo  
Aposentado ou ativo  
Terá no barro o seu fim.

5.

Um dia levei um susto  
Descansando num arbusto  
Perto da cova do Augusto  
Quase na hora do almoço.  
O sol estava bem quente  
Quando veio de repente  
Uma mulher sorridente  
E me disse:– Olá, seu moço!

6.

Veio e sentou do meu lado  
Eu já estava cansado  
Não fiquei desconfiado  
Nem reparei no tamanco.  
Pensei que fosse parente  
De algum falecido ente  
Nem achei inconveniente  
Ela vestida de branco.

7.

Perguntou se eu *tava* bem  
Eu perguntei-lhe também  
Papo vai e papo vem  
Lhe ofereci um café.  
Ela aceitou na hora  
Depois de certa demora  
Reparei que a senhora  
Era uma bela mulher.

8.

Me deu o copo vazio  
Eu senti um arrepio  
E um vento meio frio  
Vindo da parte de traz.  
Fiquei muito apavorado  
Com o cabelo esticado  
Quando olhei do meu lado  
Ela não estava mais.

7.

Como não há quem me vença  
Isso já é uma sentença  
Peço agora sua licença  
Tenho um serviço a fazer.  
Vou treinar outro coveiro  
Para também ser ligeiro  
Delicado e não grosseiro  
Pra hora que eu morrer.

~FIM~

## A sina de Josevaldo

João Uilson

1.

Josevaldo nasceu cedo  
Sete meses, prematuro,  
No sertão do Ceará  
De frente para o monturo  
De família bem humilde  
Que trabalha dando duro.

2

E apesar das intempéries  
E pesares que havia  
A própria mãe natureza  
Também não contribuía:  
Uma enchente levou tudo  
Que a família possuía.

3.

Josevaldo era o sexto  
O último dos irmãos  
Pai e mãe agricultores  
Cinco filhos artesãos  
Josevaldo pequenino  
*Andava de mão em mão.*

4.

Raquítico e bem feioso  
Foi crescendo adoentado  
Menino simples, esperto  
E também muito danado  
Este filho nordestino  
*É o pobre Josevaldo.*

5.

O seu pai é Valdomiro  
Sua mãe é Josefina  
Irmãos: Josafá, Valdir,  
E Valdomira, a menina,  
Tinha também o Josias  
Irmão gêmeo de Josina.

6.

Esta família tão grande  
Com muita diversidade  
Família de pouco estudo  
De pouca escolaridade  
Mas de gente sonhadora  
Pra isso não tem idade

7.

Valdomiro quando jovem  
Sempre foi um sonhador  
De estudar pra ser um dia  
Do sertão grande doutor  
Mas, Valdivino, o seu pai,  
O tornou agricultor.

8.

Josefina, sua esposa,  
A outro homem prometida  
Ficou viúva sem casar  
E cedo foi para a lida  
Encontrou em Valdomiro  
O amor de sua vida.



9.

Era manhã de domingo  
No sertão do Ceará  
Valdomiro e Josefina  
Decidiram se casar  
E sem ter muita demora  
Se encontraram no altar.

10.

Logo depois da Igreja  
Foram para o seu cantinho  
Uma casinha no sítio  
Construída com carinho  
Usando barro e taboca  
Construíram o seu ninho.

11.

Logo nasceram os gêmeos  
Para a família alegrar,  
Depois veio o Valdir,  
Valdomira e Josafá  
Josefina decidiu  
Nunca mais engravidar.

12.

O casal não mais queria  
Ter um filho condenado  
A uma triste miséria  
Vivendo desesperado  
Se sete já era muito  
Oito, então, exagerado!

13.

Como o futuro é incerto  
De repente um mal-estar  
Josefina foi ao médico  
Não podia imaginar  
Tinha feito ligadura  
Como então engravidar?

14.

Mas aí não teve outra  
Depois do exame feito  
Josefina estava grávida  
Era uma coisa sem jeito  
Agora o casal com raiva  
Via no filho defeito.

15.

Josefina teve medo  
Durante sua gestação  
Só foi nesta gravidez  
Que teve complicação  
Talvez por que o seu corpo  
Não tinha mais condição.

16.

E por isso prematuro  
Josevaldo enfim nasceu  
Com problemas de saúde  
Quase que ele morreu  
Foi pela graça de Deus  
Que ele sobreviveu.

17.

O menino foi crescendo  
Mas demorou encorpar  
Cedo foi para a escola  
Era preciso estudar  
Enquanto a sua família  
Tinha que ir trabalhar.

18

O tempo foi se passando  
Josevaldo só estudava  
Os seus irmãos reclamavam  
Porque ele não trabalhava  
E com dez anos deixou  
A escola que amava.

19.

Começou a ajudar  
Seus irmãos como artesão  
Ele tinha habilidade  
E também dedicação  
Começou *inda* menino  
A trabalhar com a mão.

20.

Sempre nos fins de semana  
Com fé e dignidade  
Iam vender suas obras  
Até tarde na cidade  
Batiam de porta em porta  
Passavam dificuldade.

21.

Muitos anos nessa lida  
Nada de novo ocorria  
Josevaldo ficou forte  
E não mais adoecia  
Foi quando, então, decidiu  
Que ali não mais ficaria.

22.

Meio que desesperado  
Com vinte anos de idade  
Numa noite de domingo  
Quando voltou da cidade  
Josevaldo resolveu:  
Teria escolaridade.

23.

Percebeu não tinha como  
Conseguir algo na vida  
Se não fosse pelo estudo  
E também com muita lida  
Tinha de se aventurar  
E cuidar de sua partida.

24.

Reuniu toda a família  
E disse vou viajar  
Os seus pais não aceitaram  
Mas ninguém pode evitar  
Ele juntou o dinheiro  
Para a passagem comprar.

25.

Após três meses passados  
Ele já tinha o dinheiro  
Arrumou as suas coisas  
Pra seguir seu paradeiro  
Despediu-se da família  
E partiu de Juazeiro.

26.

O destino era São Paulo  
Onde fica? Perguntou  
Acontece que dormindo  
De São Paulo ele passou  
Foi parar em Curitiba  
Ele ali então ficou.

27.

Logo conseguiu emprego  
À noite foi estudar  
O trampo era bem pesado  
Mas não podia parar  
Findou o primeiro grau  
Quando decidiu viajar.

28.

Trabalhou um pouco mais  
E estudava num cursinho  
Por seis anos residiu  
Em Curitiba sozinho  
Nunca teve namorada  
Seguia só seu caminho.

29.

Depois foi para o Rio Grande  
O do Sul, não o do Norte  
Terminou o Ensino Médio  
Sentiu uma tristeza forte  
Buscava por melhorias  
Não acreditava em sorte.

30.

Trabalhava na vinheta  
Mas não estava contente  
Muito tempo sem contato  
Nem sequer com um parente  
Decidiu vou escrever  
Para toda aquela gente.

31.

Pai e mãe deem-me a bênção  
E entendam por favor  
Que minha falta de contato  
Não foi por falta de amor  
Aliás, sofro saudades,  
Da senhora e do senhor.

32.

Hoje resido no Sul  
Em São Paulo não morei  
Sem querer passei direto  
Isso porque cochilei  
Como não pude voltar  
Por aqui desembarquei.

33.

Um abraço para todos  
Vou continuar aqui  
Estou com muita tristeza  
Mas vou tentar resistir  
Um dia regressarei  
Meu tesouro está aí.

34.

Josevaldo era inquieto  
Mas sempre foi sonhador  
Um excelente estudante  
E muito trabalhador  
Decidiu largar a vinheta  
Pra tentar ser professor

35.

E mudou de profissão  
Mudou também pra cidade  
Como bom entregador  
Levava publicidade  
Percebeu que era melhor  
Para fazer Faculdade.

36.

Decidiu então fazer  
O curso de geografia  
Pensando que muito em breve  
Pra família voltaria  
Acontece que no Sul  
Conheceu uma guria.

37.

Passaram-se quatro anos  
No fim dos quais se formou  
Com a prenda gaúcha  
Também ele se casou  
Em seguida fez mestrado  
*Mas queria ser doutor.*

38.

Sendo agora Josevaldo  
Um exímio professor  
Foi pra Universidade  
Num concurso ele passou  
A gaúcha virou médica  
E com ele se casou.

39.

Passados mais alguns anos  
Josevaldo decidiu  
Vamos ver a minha gente  
Do sertão que me pariu  
Hoje eu sou o que sou  
Porque ninguém desistiu.

40.

Josevaldo escreveu  
Pra família uma cartinha  
Dizendo ao pai e à mãe:  
Vão preparando a farinha  
Pois está chegando o dia  
De eu voltar pra terra minha.



41.

O contato era difícil  
Mas ele não esqueceu  
Pra família no sertão  
Josevaldo escreveu  
Por vocês devo partir  
E a Deus agradeceu.

42.

Embarcaram num avião  
Pro sertão do Cariri  
Josevaldo e a esposa  
Sabiam pra onde ir  
Pegaram o pau de arara  
Pro Sítio Jaburiti.

43.

Josefina e Valdomiro  
Sentiam no peito a dor  
Na varanda esperando  
O filho com muito amor  
Longe avistaram o menino  
Que se tornara doutor.

44.

O tempo agora é outro  
Muita coisa já mudou  
O menino rejeitado  
Para casa regressou  
A família está mudada  
E a vida melhorou.

45.

Há um fato emocionante  
No desfecho deste enredo  
Do menino que venceu  
Na vida, apesar do medo  
Um fato que para todos  
’Té então era segredo:

46.

Maior parte do dinheiro  
Que com trabalho ganhou  
Josevaldo com carinho  
Por muito tempo guardou  
E no dia do retorno  
Para a família doou.

~FIM~

**José: origem e sonho**

Joao Uilson  
Nilton Azevedo

1

Com Esaú e Jacó  
Esta história começa  
Por ter roubado uma bênção  
Partiu de casa com pressa  
Brigado com o irmão  
Foi pra casa de Labão  
Que lhe pregou uma peça.

2

Chegando na região  
Jacó se apaixonou  
Por sua prima Raquel  
Por ela se encantou  
Pela filha de Labão  
Numa negociação  
Sete anos trabalhou.

3

Rebeca, a mãe de Jacó,  
Era irmã de Labão  
Jacó no tio confiou  
E logo pediu a mão  
De Raquel, que tanto amou,  
Por quem ele trabalhou  
Por sete anos em vão.

4

Assim era o combinado  
E Jacó trabalharia  
Sete anos para o tio  
Que ao final entregaria  
A Raquel em casamento  
Mas chegado o momento  
Labão entregou-lhe a Lia.

5

Lia era a irmã mais velha  
Da amada de Jacó  
E depois de sete anos  
Jacó não dormiu mais só  
Mas no dia combinado  
Pelo tio foi enganado  
Jacó sofreu de dar dó.

6

Pensando que era Raquel  
Com Lia Jacó dormiu  
Ali tinha um costume  
Explicou-lhe o seu tio:  
– Lia por ser a primeira  
Não pode ficar solteira.  
Jacó sereno a assumiu.

7

Trabalhou mais sete anos  
Por Raquel a quem amava  
Ele nunca desistiu  
De quem tanto desejava  
Mas o mal tornou-se bem  
Aprendeu a amar também  
Lia que filhos lhe dava.

8

Desposou-se com Raquel  
Que filhos não concebia  
Raquel vivia infeliz  
E a Jacó ela pedia  
De forma muito insistente  
Que lhe desse descendente  
Senão ela morreria.

9

No início a pobre Lia  
Era muito desprezada  
Porque Raquel, por Jacó,  
Era muito mais amada  
Deus vendo a situação  
Estendeu a sua mão  
Pra deixar Lia animada.

10

Concedeu-lhe o privilégio  
De poder engravidar  
E ela teve quatro filhos  
Que vieram pra alegrar  
O seu triste coração  
Teve Rúben e Simeão  
Depois Levi e Judá.

11

Raquel como era estéril  
Sofria com esta sina  
E para se tornar “mãe”  
De menino ou de menina  
Resolveu sair da fila  
E entregou sua serva Bila  
A Jacó por concubina.

12

Bila então teve dois filhos  
Raquel disse: – Eu consegui!  
E batizou os meninos  
De Dã e Naftali  
Dizendo no seu afã:  
– Competi com minha irmã  
Lutei muito mas venci!

13

Lia fez a mesma coisa  
Deu sua serva a Jacó  
Zilpa então teve dois filhos.  
Chamou de Gade o maior  
E Lia muito feliz  
Por conseguir o que quis  
Chamou de Aser o menor.

14

Depois desses fatos, Lia  
Voltou a engravidar  
E deu à luz mais três filhos:  
Zebulom e Issacar<sup>1</sup>  
Prova da graça divina  
Depois teve uma menina  
A quem chamou de Diná.

15

Neste ponto os fatos ficam  
Muito mais emocionantes  
Deus lembrou-se de Raquel  
E do seu sonho de antes  
E fez uma maravilha  
Deixando toda a família  
Com um brilho nos semblantes.

---

<sup>1</sup>Ordem de nascimento: Issacar, Zebulom e Diná.

16

Deus provou à humanidade  
Que vale a pena ter fé  
Raquel confiou por anos  
Que Deus faz quando Ele quer  
Ela então engravidou  
E ao filho que ela ganhou  
Deu o nome de **José**<sup>2</sup>.

17

Depois que José nasceu  
Deus mandou Jacó voltar  
A sua terra natal  
Para ali peregrinar...  
Deixando Padã-Arã  
Ele foi pra Canaã  
Sem Labão desconfiar.

18

Levou toda sua família  
Seus rebanhos e seu gado  
Seria grande a jornada  
Até chegar do outro lado  
E tinha a preocupação  
De enfrentar o irmão  
Com quem estava brigado.

---

<sup>2</sup> O nome José tem origem no hebraico Yosef, que quer dizer “ele acrescentará”, referindo-se a Deus. Raquel confiava que ainda teria outro filho.

19

Jacó teve recompensa  
Por ser um homem fiel  
No retorno ele lutou  
Com um anjo em Peniel  
O anjo o abençoou  
E o seu nome mudou  
De Jacó pra Israel.

20

A viagem de Jacó  
Foi muito bem sucedida  
A briga com Esaú  
Findou sendo resolvida  
Esqueceu Padã-Arã  
Instalou-se em Canaã  
E recomeçou a vida.

21

Morou em várias cidades  
Inclusive em Betel  
De onde partiu pra Efrata  
Com sua mulher Raquel  
No caminho aconteceu  
Algo que entristeceu  
A família de Israel.

22

Raquel achava-segrávida  
Do seu filho Benjamim  
A chegada do garoto  
Foi infelizmente assim:  
Teve início a sua vida  
Mas a da sua mãe querida  
Tristemente teve fim.



23

Desta forma Deus ouviu  
O pedido de Raquel  
Acrescentando outro filho  
À família de Israel  
Que sentiu naquele dia  
Um misto de alegria  
Com uma tristeza cruel.

24

Jacó ganhou outro filho  
Mas perdeu a sua amada  
No caminho de Efrata  
Ela ficou sepultada  
Israel muito sofreu  
E uma coluna ergueu  
Onde ela foi enterrada.

25

Por este e outros motivos  
Jacó foi muito apegado  
A José e a Benjamim  
E tinha muito cuidado  
Dos dois filhos da velhice  
E fez que o resto sentisse  
Um ciúme desgraçado.

26

Por ser filho predileto  
Ele foi muito odiado  
Pelos outros dez irmãos  
José era invejado  
Quando José lhes contou  
O que havia sonhado.

27

Os sonhos que José tinha  
Davam-lhes indicação  
Que José seria um líder  
Talvez chefe de nação  
A inveja foi crescendo  
Que eles foram resolvendo  
Cometer uma traição.

28

José era um bom menino  
Nunca causou aperseio  
Jacó confiava nele  
Sem sentir nenhum receio  
Já com dezessete anos  
José ajudava os manos  
Servindo no pastoreio.

29

Num certo dia Jacó  
Mandou José sem ninguém  
Ver os irmãos que estavam  
Apascentando em Siquém  
Então quando o avistaram  
Contra ele conspiraram  
E fizeram-no refém.

30

Cogitaram sua morte  
Mas Rúben não permitiu  
Livrou José das suas mãos  
Nenhum deles o feriu  
Lançaram-no numa cova  
E forjaram uma prova  
Pra dizer: – José sumiu!

31

Arrancaram-lhe a túnica  
E jogaram-no num poço  
E sentaram pra comer  
Pois era hora do almoço  
Enquanto eles comiam  
Falavam e discutiam  
Sobre o que fazer ao moço.

32

Enquanto José chorava  
No poço desesperado  
Chegaram uns ismaelitas  
Profissionais de mercado  
E como faz um pirata  
Por vinte moedas de prata  
José foi negociado.

33

A bela túnica que  
De José tinham tomado  
Molharam ela no sangue  
De um bode degolado  
Quando Jacó viu, chorou,  
E inocente acreditou  
Que o filho foi devorado.

34

No Egito eles venderam  
José para Potifar  
Mas como era homem fiel  
Começou a prosperar  
O chefe vendo-o na linha  
Entregou tudo que tinha  
Pra ele administrar.

35

Por outro lado a patroa  
Não era de confiança  
Não respeitava o marido  
Com quem tinha uma aliança  
E José sem merecer  
Logo passaria a ser  
Vítima de sua lambança.

36

Diariamente insistia:  
– José, deite-se comigo!  
Mas José se esquivava:  
– Não quero nada contigo!  
Um dia ela o agarrou  
A blusa dele arrancou  
Deixando o pobre em perigo.

37

Ela distorceu os fatos  
E mentiu a Potifar  
Disse que o mordomo havia  
Tentado lhe agarrar  
Mas assustado correu  
Que até a blusa esqueceu  
Quando ouviu ela a gritar.

38

Potifar indignado  
Recusou explicação  
Mandando buscar José  
Atirou-o na prisão  
José foi preso calado  
Simplesmente condenado  
Por não ceder à traição.

39

Porém Deus escreve certo  
Mesmo em linha enviesada  
O carcereiro entendeu  
Que não existia nada  
Na conta do cidadão  
E José lá na prisão  
Teve a vida abençoada.

40

Deus fez com que confiança  
José logo adquirisse  
Sempre houve algo de bom  
No que fez e no que disse  
E o carcereiro-mor  
Promoveu o sonhador  
Para carcereiro-vice.

41

Muitos dias depois disto  
Dois colegas de prisão  
Acordaram perturbados  
Qual quem vê assombração  
É que dois sonhos tiveram  
No entanto não souberam  
Qual a interpretação.

42

Os dois eram funcionários  
Do grande rei do Egito  
Um era copeiro-chefe  
Que cometeu um delito  
Já o outro era padeiro  
E assim como o copeiro  
Também estava aflito.

43

Então contaram os sonhos  
José os interpretou  
Em três dias sucedeu  
Do jeito que ele falou:  
Foi liberto o copeiro  
E o pobre do padeiro  
Faraó o enforcou.

44

O copeiro foi pra casa  
E se reestabeleceu  
Retomou o seu emprego  
Mas de José se esqueceu  
E assim fora de perigo  
Não falou bem do amigo  
Nem por ele intercedeu.

45

Após dois anos passados  
Teve um sonho Faraó  
No sonho viu sete vacas  
Magrelas que nem cipó  
Era pele em cima de osso  
Costela nervo e pescoço  
Com canela e mocotó.

46

No sonho também havia  
Sete vacas muito belas  
Saudáveis, fortes e gordas  
Que não se via as costelas  
E enquanto estavam paradas  
Elas foram devoradas  
Pelas vacas magricelas.

47

O rei então despertou  
Com sangue quente nas veias  
Dormiu de novo e sonhou  
Com sete espigas bem cheias  
Boas, graúdas, nutridas,  
Porém foram engolidas  
Por sete espigas bem feias.

48

Faraó no outro dia  
Perdeu a concentração  
Então convocou os sábios  
Que havia na nação  
E contou o sonho a eles  
Mas não soube nenhum deles  
Qual a interpretação.

49

O copeiro então lembrou  
Do tempo que esteve preso  
E do sonho interpretado  
Pelo hebreu indefeso  
Contou o que sucedeu  
Que o padeiro morreu  
Mas ele saiu ileso.

50

Desta maneira José  
Ao palácio foi chamado  
Chegou lá bem elegante  
Roupa nova e barbeado  
E disse: – É um caso sério,  
Mas, ó rei, o seu mistério  
Por Deus será revelado.

51

– Os dois sonhos compartilham  
A mesma interpretação  
As sete vacas saudáveis  
E as sete espigas de grão  
Representam a figura  
De sete anos de fartura  
Que virá sobre a nação.

52

– Já as sete vacas magras  
Com as “pernas” de cambito  
E as espigas mirradas  
Finas que nem um palito  
Têm o mesmo sobrenome:  
São sete anos de fome  
Que virão sobre o Egito.

53

– Primeiro virá fartura  
No campo e aqui na cidade  
Mas sete anos depois  
Virá a calamidade.  
Um conselho eu dou ao rei:  
Eleja um vice-rei  
Com responsabilidade.

54

Faraó entusiasmado  
Promoveu o sonhador  
De detento-ajudante  
Lá do carcereiro-mor  
Promulgando um edito  
Fez José ser do Egito  
O novo governador.



55

– Você tem a liberdade  
Para o que quiser fazer  
Minha própria autoridade  
Você passa a exercer  
De primavera a outono  
Só quando estiver no trono  
Serei maior que você!

56

De Zafenate-Paneia  
“Revelador de segredos”  
Não era um homem qualquer  
Também lhe deu como dote  
A filha de um sacerdote  
Para ser sua mulher.

57

José tinha trinta anos  
Quando isto sucedeu  
Tornou-se governador  
E o Egito percorreu  
As coisas que ele falou  
Quando o sonho interpretou  
Tudo, à risca, aconteceu.

58

Quando findou a fartura  
José já tinha renome  
No mundo inteiro corria  
A estima do seu nome  
Pois José tinha estocado  
Alimento, trigo e gado  
Para o período de fome.

59

Nos quatro cantos da terra  
A fome se alastrou  
O patriarca Jacó  
Logo se desesperou  
Para preservar a vida  
A procura de comida  
Dez dos seus filhos mandou.

60

Eles chegando ao Egito  
Foram ao governador  
Sem saber que se tratava  
De José o sonhador  
E ali perante o irmão  
Inclinaram-se ao chão  
Chamando-o de senhor.

61

José os reconheceu  
E ficou emocionado  
Lembrou dos sonhos que teve  
Mas se guardou disfarçado  
Então resolveu fazer  
Um teste para saber  
Se eles tinham mudado.

62

Tratou-lhes asperamente  
Disse: – Vós sois espíões  
Viestes ver pontos fracos  
Aqui dos nossos rincões  
Com essa estranha desculpa  
Fez ele o peso da culpa  
Doer nos seus corações.

63

– Farei convosco um teste  
Pra saber se isso é verdade  
Quando voltares de novo  
Aqui pra minha cidade  
Se vós sois de retidão  
Trazei o vosso irmão  
Que está na menoridade.

64

Algemou a Simeão  
Que ficou ali detido  
Os demais, indo a Jacó,  
Relataram o ocorrido  
Cada um ficou cabreiro  
Quando viram que o dinheiro  
Tinha sido devolvido.

65

E Jacó muito mordido  
Disse: – Não vou deixar  
Que vocês levem meu filho  
Para sua vida arriscar  
José já se foi de mim  
Se eu perder a Benjamim  
Não vou poder suportar!

66

Mas a fome é dor aguda  
No final Benjamim foi  
José lhes deu um banquete  
Carne de reses e boi  
Libertou a Simeão  
E disse ao caçula irmão  
– Meu filho, Deus te abençoe!

67

Quando eles retornam  
Um soldado foi atrás  
Alcançando-os lhes disse:  
– Vós fostes longe demais  
Furtando, assim sem temor,  
O copo do meu senhor  
Essa coisa não se faz!

68

– Que longe de nós esteja  
Concretizar tal ação  
Nós somos homens honestos  
Nenhum de nós é ladrão  
Revista nosso transporte  
E pagará com a morte  
Quem roubou o teu patrão.

69

A inspeção da bagagem  
O soldado fez assim  
Começou pelos mais velhos  
E ocorreu algo ruim  
Cada um foi revistado  
E o copo foi encontrado  
Na saca de Benjamim.

70

Retornando ao Egito  
Judá pediu pra falar:  
– Ai! Senhor meu, permita  
Que eu fique em seu lugar  
Se Benjamim falecer  
Ou aqui permanecer  
Meu pai não vai suportar!

71

Assim José entendeu  
Que os irmãos tinham mudado  
Que a maldade deles tinha  
Ficado lá no passado  
E contou o seu segredo  
Dizendo: – Não tenham medo!  
Soluçando emocionado.

72

– Eu sou José, vosso irmão!  
Isso tudo foi um teste.  
Não tenham medo vocês  
Pelo que a mim fizeste.  
Deus mandou-me para cá  
Pra fazer o povo escapar  
Dessa penúria da peste.

73

Eu que mandei por o copo  
O dinheiro eu o devolvi  
Deem-me cá um abraço  
E apressai-vos pra partir  
Não tenham nenhum remorso  
Tragam tudo o que é vosso  
E venham morar aqui.<sup>3</sup>

~FIM~

---

<sup>3</sup> Leia a história completa em Gênesis capítulos 25 a 50.

## Envelhecer no Vale

João Uilson

1

Eu sou do Vale de rios  
Como o do Jequitinhonha  
De uma gente que é sofrida  
De uma gente que sonha  
E constrói a sua vida  
C'uma coragem medonha.

2

Eu sou parte de um povo  
Que tem a história marcada  
Sobre a pele parda e negra  
Que é muito cicatrizada  
De trabalhos sob o Sol,  
De uma vida escravizada.

3

Sento no banco da praça  
E busco fios de memórias  
Vejo as crianças correrem  
E lá vou contar histórias  
Todas próximas de mim  
Da vida longa de glórias.

4

Vida que me ensinou  
Que é duto envelhecer  
Acamado, às vezes, choro  
Para me locomover...  
Aguardo o cair da chuva  
Para os meus frutos colher.

5

No meu tempo de outrora  
Morros pude escavar  
Noites e dias nas minas  
Pedras tentei encontrar  
Consegui o suficiente  
Mas não para enricar.

6

Do lado de cá da vida  
Percebo que é diferente  
Melhor coisa é ser pobre  
E moralmente decente  
Do que ser bem sucedido  
Porém, pobre moralmente.

7

Nesse Vale desigual  
A hora segue avançada  
Passa a galope um burrico  
Leva gente maltratada  
Outros num carro importado  
Percorrendo a mesma estrada.

8

Não importa se sou rico  
Ou um simples pescador  
Sou o velho desse Vale  
Que defendo com amor  
Eu sou do Jequitinhonha  
Analfabeto ou doutor.

9

Tenho na beira do rio  
O meu lugar de ficar  
Onde à noite no sereno  
Eu saio para pescar  
Revivendo a mocidade  
Não vejo o tempo passar.

10

Quando posso estou na roça  
Sem condições na cidade  
No centro ou periferia  
Perdi minha liberdade  
De ficar ou de partir  
Não tenho comodidade.

11

No final de cada mês  
Quando já aposentado  
Busco meu curto salário  
E vou ao supermercado  
Pago a conta que devo  
E torno a comprar fiado.

12

Quando deito numa maca  
Em um hospital qualquer  
Sinto que sou invisível  
O sistema não me quer  
Pois não vem ao meu encontro  
Nem um auxílio sequer.



13

É que se hoje não rendo  
Como antes eu rendia  
Sou inútil ao sistema  
Não tenho mais serventia  
Isso me dizem na fila  
Da aposentadoria.

14

Tem noite que durmo tanto  
Que penso na eternidade  
Outras noites, perco o sono  
Quando não, a sanidade.  
Me dói quando não entendem  
Que faz parte da idade.

15

Com o tempo que eu tenho  
Não sei se posso dizer  
Fui pouco ao hospital  
Que demora pra atender  
Se minha saúde é boa  
Mas nem posso adoecer.

16

Há momentos que espero  
Os filhos virem me ver  
Alguns dizem que têm medo  
Que eu venha a morrer  
Acham eles que a morte  
Pressupõe envelhecer.

17

No final, com ou sem filhos  
Viúvo ou com companheira  
Que a gente vai aprender  
Que leva uma vida inteira  
Para acertar com alguém  
Mesmo fazendo besteira.

18

Com meu cachimbo de barro  
Aos sábados vou à feira  
Vendo farinha, fubá,  
Leite e cachaça caseira  
Com os meus velhos amigos  
Converso a manhã inteira.

19

Sou de um tempo distante  
E de outro vocabulário  
Trago no meu peito a fé  
E meu santo escapulário  
Pago o dízimo direito,  
Vou rezar no santuário.

20

Dizem que eu faço parte  
De uma idade específica  
Chamam de terceira idade  
Mas o que significa?  
E nas outras duas idades  
Como é que a pessoa fica?

21

Pois eu não me sinto velho  
Só sinto o meu corpo lento  
Estou preso neste saco  
De osso, pele, muxibento  
Porém tenho o meu valor  
Só não tenho acalento.

22

O meu pensamento corre  
Meu corpo não acompanha  
Não posso mais como antes  
Fazer nenhuma façanha  
Meu trabalho é limitado  
Contudo, não é barganha.

23

O trabalho é um valor  
Não posso mais trabalhar  
Ando nas ruas do Vale  
Às vezes chego a chorar  
Vendo alguns jovens crescendo  
Sem no batente pegar.

24

Ah, meu Deus! Se eles soubessem  
Que trabalhar é lazer  
Sei, por meio do trabalho,  
Poderiam entender  
Que é bom nascer no Vale  
E no Vale envelhecer.

~FIM~

## Objeto Voador Não Identificado

Nilton Azevedo

1

Esta é interessante  
E também é verdadeira  
História impressionante  
Ouvir não causa cansaça;  
Aconteceu de verdade  
É a mais pura realidade  
Fato com comprovação.  
Quem escuta, medita,  
Não duvida, acredita,  
E guarda no coração.

2

Foi no fim da juventude  
Idade de casamento  
Um casal com atitude  
Sem esperar o momento  
Que o velho tinha marcado  
E eles tinham concordado  
Resolveram apressar:  
Combinaram de fugir  
E de canoa partir  
Numa noite de luar.

3

Milene era a menina  
Nilton Filho era o rapaz  
Apressando sua sina  
Com uma astúcia sagaz  
E seguindo a tradição  
Da antiga geração  
Ali da zona rural:  
Todo mundo já sabia  
Não se casava, fugia.  
Era coisa natural.

4

Ali naquele contexto  
Era outra realidade  
Que fosse por pretexto  
Ou espontânea vontade  
Pouca gente se casava  
A maioria se juntava  
Para família formar  
Seguiam o coração  
Consumavam a união  
Depois pensavam em casar.

5

Quem sentia vergonha  
De pagar aquele mico  
Dizia que a cerimônia  
Era ideia de jerico  
Nem civil, nem religioso,  
Pense num povo medroso,  
Da aliança e do altar!  
O tempo ia passando  
A família aumentando  
E nada de se casar.

6

O namoro acontecia  
Nos eventos locais  
Se uma festa havia  
Lá estava o rapaz  
E a moça, por sua vez,  
Com incrível rapidez  
Para lá se dirigia  
E ficava ali torcendo  
Na beira do campo, vendo,  
O amado que corria.

7

Enquanto o felizardo  
Jogava seu futebol  
Veloz como leopardo  
Nem se importava com o sol  
A garota impressionava  
Até bicicleta dava  
Também chute de trivela  
Se uma falta acontecia  
Sofrer de dor ele fingia  
Pra ser cuidado por ela.

8

Não estava preocupado  
Se iria amanhecer  
Bem dolorido, coitado,  
Queria era aparecer  
E nos outros dá capote  
Para ganhar o garrote  
Que era o prêmio do torneio.  
Era zagueiro, atacante,  
Jogava como volante,  
Atrás, na ponta e no meio.

9

Quando acabava o jogo  
Começava o arrasta-pé  
A festa pegava fogo  
Menino, homem e mulher,  
Caíam dentro da dança  
A noite era uma criança  
A festança era arretada  
Animação que respeite  
Forrozão Mastruz com leite,  
Bolero, “rause” e lambada.

10

E foi numa festa dessa  
Que Milene conheceu  
Um rapaz bonito à beça  
Que, hoje, é marido seu.  
Um olhou, o outro olhou,  
O cupido então flechou  
Cuidou de fazer o resto:  
Corações bateram forte  
Um amor de muita sorte  
Começou naquele gesto.

11

Chegou o dia esperado  
O rapaz *tava* nervoso  
Bem vestido, penteado,  
E muito, muito cheiroso.  
Sentou no banco da sala  
E quase perdeu a fala  
Quando o velho apareceu;  
Até tentou levantar  
Para lhe cumprimentar  
Porém a perna dele tremeu.

12

Mas Leonda era tranquilo  
E ao rapaz logo acalmou  
Já tinha vivido aquilo  
E outro assunto puxou.  
Papo vai e papo vem  
Logo viria também  
A hora de mencionar  
O assunto da questão  
Que era pedir a mão  
Da moça pra namorar.

13

Falaram sobre a enchente  
Do ano sessenta e dois,  
Do sofrer de sua gente  
Com a seca de depois;  
Falaram sobre um roçado  
Que o velho tinha botado  
Pra plantar milho e mandioca;  
O milho o bicho comeu,  
E a maniva morreu  
Não deu uma tapioca.

14

Eles também conversaram  
Sobre uns toros de Angelim,  
Que uma vez eles serraram  
Dentro do Tauá-Mirim;  
Lá no lago do Merelho,  
Com um *motor serra* velho  
Que deu problema na vela.  
E como se não bastasse  
Que a corrente arrebentasse,  
Se quebrou a manivela.

15

Leonda falou também  
De um susto que levou  
Estando só, sem ninguém,  
No roçado que botou  
Capinando distraído  
Quando ouviu um alarido  
Feito pancada em lata.  
Um barulho muito forte  
Achou que era a voz da morte  
Zinindo dentro da mata.



16

Deu um pulo pra correr  
Mas lhe veio na lembrança  
Que acabara de fazer  
Umlongo rabicho em trança  
Com um ferro bem na ponta  
Que a mente ficava tonta  
Quando o tal ferro batia  
Nas folhas de zinco e latas  
Salvando milho e batatas  
Do macaco e da cutia.

17

Pela corda lá da beira  
A armadilha era acionada  
Fazendo uma barulheira  
Espantando a bicharada.  
Todo dia de manhã  
Bandos de maracanã  
Vinhambagunçar no milho  
Mas bastava um puxavante  
E elas no mesmo instante  
Voltavam no mesmo trilho.

18

Cortando a erva daninha  
Capinava distraído  
E a Maria, coitadinha,  
Esqueceu-se do marido.  
Deu um puxão no chicote,  
E dando um grande pinote,  
Leonda disse: — O que é?  
Seus cabelos cacheados  
Apesar de enrolados  
E ficaram todos em pé.

19

Num instante tempo voa  
Ao jogar conversa fora  
A tardinha estava boa  
Mas logo chegou a hora  
De ouvir o pretendente  
Que estava em sua frente  
Formalizar o pedido  
E mostrar seu argumento  
Que se houvesse casamento  
Daria um belo marido.

20

— Minha velha, este rapaz,  
Quer namorar nossa filha.  
Venha ver o que ele faz  
E se estudou a cartilha;  
Se sabe ler e escrever  
E se pode oferecer  
Um casamento decente.  
Ouça a sua proposta  
E veja se você gosta  
Depois responda pra gente.

21

Maria sentou no banco  
Com a Milene do lado  
O rapaz já ficou branco  
E um pouco atrapalhado,  
Mas controlou o “nervoso”  
E com ar de orgulhoso  
Chega “engrossou” a voz;  
Lá no fundo era arrogante  
E se achava o mais galante  
Que havia no Badajós.

22

— Dona Maria, Seu Leonda,  
E todos que aqui estão:  
Vou perguntar, me responda,  
Diga que sim ou que não.  
Sou rapaz trabalhador  
E carrego muito amor  
Dentro do meu coração;  
Quero entrar na família  
E para com sua filha  
Tenho a melhor intenção.

23

— Prometo fazer do jeito  
Que ordena o figurino  
Tenho orgulho no peito  
O que é errado abomino.  
E não quero me juntar  
Eu quero mesmo é casar  
No cartório e na igreja  
Serei um bom namorado  
Vou até fazer noivado  
Como a moça deseja.

24

— E possuo uma riqueza  
A qual posso oferecer  
Não sou de muita grandeza  
Mas sei ler e escrever  
Prometo ensinar pra ela  
Não garanto se a donzela  
Aprenderá verbo e pronome  
Que também não sei pra tanto  
Mas aprenderá ler, eu garanto,  
E também fazer o nome.

25

Aquela voz foi um hino  
Aos ouvidos da menina  
Era mesmo algo divino  
Como luz que ilumina  
E tomou sua decisão  
Nem havia precisão  
De o velho permitir  
Caso ele não deixasse  
E se o rapaz convidasse  
Aceitaria fugir.

26

Maria disse: — Meu bem,  
Ele é um bom pretendente  
E eu acho que ninguém  
Ousa pensar diferente  
Tem o meu consentimento  
A partir deste momento  
Podem cuidar do casório  
Uma festança na igreja  
Como a menina deseja  
Logo depois do cartório.

27

Mas falar é muito fácil  
Difícil é o cumprimento;  
Moradia num palácio  
Logo após o casamento  
Todo noivo prometia...  
Quando a noiva percebia  
Já estava amancebada  
Com uma reca de “minino”  
Mas se aquele era o destino  
Continuava a jornada.

28

Os meses foram passando  
E a paciência também  
A vida dificultando  
Pela falta de vintém  
Até que a velha promessa  
Corroída pela pressa  
Foi perdendo seu valor.  
— Vamos deixar para lá  
Essa história de casar,  
Importante é o amor.

29

— No próximo dia vinte  
A lua vai estar cheia  
Vamos fazer o seguinte  
Às dez horas e meia:  
Eu venho devagarinho  
E assopro de mansinho  
Pela brecha do quarto  
E se o velho escutar  
E caso queira brigar  
Pode deixar que eu aparto.

30

— Deixa a janela aberta  
E fica bem acordada  
Eu virei na hora certa  
Na canoa que é pintada  
Pintada de tinta preta  
E vou deixar o rabeta  
Que é pra não fazer barulho  
E a gente vai remando.  
A data fica lembrando:  
É dia vinte de julho.

31

O plano foi infalível  
Num vupo o dia chegou  
O noivo estava invisível  
E ninguém desconfiou  
Dentro de quinze minutos  
Só se viam dois vultos  
Cortando manso o rio;  
Só depois que amanheceu  
Que Maria percebeu  
Que a Milene fugiu.

32

E os dois muito contentes  
Mesmo sem flores ou véu;  
Sob as estrelas cadentes  
Que iam cortando o céu;  
A Lua cheia, brilhando,  
A canoa acompanhando  
Parecia que aprovava  
Esse rural casamento  
E a todo, todo momento  
O casal abençoava.

33

Porém seria normal  
Se acabasse neste ponto  
Algo seguiu o casal  
Que deixou o noivo tonto:  
Enquanto eles remavam  
E o rio atravessavam  
Viram coisa de outro mundo.  
Uma figura estranha  
De repente os acompanha  
E apareceu num segundo.

34

Parecia uma luz forte  
Voando acima do rio  
Acharam falta de sorte  
— O velho já descobriu  
E tá vindo atrás de nós!  
Com uma triste voz  
O rapaz assim falou.  
Em um ponto do trajeto  
Viram que aquele objeto  
Mais e mais se levantou.

35

De fato vinha voando  
Cinquenta metros acima  
Ficaram imaginando  
Que não era obra-prima  
De animais nem de humanos  
Em todos aqueles anos  
Nunca viram algo assim  
Não era uma miragem  
Então seria visagem  
Quem sabe até o Matim.

36

O rapaz remou depressa  
E botou mais pela beira  
— Que assombração é essa,  
Que parece uma fogueira  
Ou um pássaro de fogo?  
Deus escute o nosso rogo  
Nos livre desse mistério!  
O cabra ficou com medo  
Aquele estranho segredo  
Seria um negócio sério.

37

Porém aquele tumulto  
Depressa se dissipou  
O misterioso vulto  
Pela canoa passou  
Ia voando sozinho  
Prosseguindo seu caminho  
Sempre em frente e em paz  
E sumiu no firmamento  
Numa fração de momento  
Eles não o viram mais.

38

Milene não sentiu medo  
Só prestava atenção  
Se aquele estranho segredo  
Seria uma assombração  
Tudo era muito incerto  
Mas quando ele passou perto  
Ela fitou bem a vista  
E viu que tinha o arranjo  
Igualzinho ao de um anjo  
Que ela viu numa revista.

-FIM -



## O cafajeste

Ronilson Lopes

1

Atenção caro leitor  
Confidente e amigo  
Cantar-te-ei uma história  
Que aconteceu comigo  
É sobre um grande amor  
Que no fim tornou-se dor  
Uma espécie de castigo.

2

Com dezesseis, conheci-a  
Na escola em que estudei  
Já ela era mais nova,  
Catorze, pelo que sei.  
E, logo que eu a vi,  
Pude alegre presumir  
Serás minha, assim pensei.

3

Muito linda, por sinal  
Produto de bom pincel  
Pele negra, corpo esguio  
Seios fart'olhos de mel  
Sempre meiga e delicada  
Voz tão doce e educada  
Qual anjo vindo do céu.

4

Sempre muito estudiosa  
Amava a Filosofia  
Responder aos exercícios  
Era sempre uma alegria  
Cada dia ao seu lado  
Fui ficando enfeitiçado  
Pela sua companhia.

5

E meu coração se vendo  
Assim, nessas condições,  
Totalmente embriagado  
De desejos e emoções,  
Me obrigava a ir com ela  
Estudar na casa dela  
Com segundas intenções.

6

Já no início me tornei  
Bom amigo dessa dama  
E logo me decidi  
Buscar e levar pra cama  
Pois, ela estava a fim,  
Apaixonou-se por mim,  
Dando início, assim, à trama.

7

Convidei-a, certo dia  
Para a orla da cidade  
Procurando ocasião  
Pra ficarmos à vontade.  
Onde eu lhe falaria  
Do desejo que sentia  
Com muita propriedade.

8

Lembro-me bem, como agora,  
Do maravilhoso dia  
O momento de espera  
Que tanto me afligia  
De como eu suspirava  
Quando ela se aproximava  
E me causava euforia.

9

Quando mirei nos seus olhos  
A minha voz saiu rouca  
Agarrei-lhe pelo braço  
Dei-lhe um beijo na boca  
Apertei seu corpo ao meu  
Como Marília a Dirceu  
Sentindo uma paixão louca.

10

Rasguei- lhe, voraz a saia,  
Posteriormente, a calcinha.  
E, sem pensarmos em nada,  
Houve amor sem camisinha.  
Com muita curiosidade  
Ganhei a sua virgindade  
Como prova de ser minha.

11

Contei, contente, aos amigos  
Comemorei em barzinhos  
Como costuma os homens  
Afirmar-se entre amiguinhos.  
E, alegre e satisfeito,  
Disse: agora está perfeito,  
Aquela é minha gatinha!

12

Andávamos sempre juntos  
Toda hora nos amando  
Nós fugíamos das aulas  
Pra ficarmos namorando  
Uma vez que os seus pais  
Não poderiam, jamais,  
Saber de nós dois flertando.

13

Certa vez saí da sala  
E, fiz sinal à donzela,  
Para que fosse em seguida  
Namorarmos, eu com ela.  
Mas, sagaz, meu professor  
A estratégia notou,  
E nos pegou na esparrela.

14

Quando nos viu, disse: - Vixe!  
O que está acontecendo  
Deveriam estar na sala  
Porém, vivem se entretendo  
Retornem logo, senão,  
Falarei à direção  
Do que estavam fazendo.

15

Disse: calma, professor  
Namorar não é proibido  
Sou livre, faço o que quero  
Não se faça de metido  
E ele, então, se irritou  
E após documentou  
Aos pais dela o ocorrido.

16

A minha grande aflição  
Estava só começando.  
O seu pai bradou: Maldito!  
Vou acabar te matando.  
E pra aumentar a desgraça  
A direção por pirraça  
Terminou me expulsando

17

Não vi mais a minha amada  
Até que ela me ligou:  
- Quero dizer-te uma coisa,  
Com muita emoção falou:  
- Você precisa saber  
Que vamos ter um bebê  
Estou tão feliz, amor.

18

Feliz! – Você ficou louca?  
Mas, que papo de bebê!  
Nunca pensei em ter filhos  
Você devia saber  
Me enrolar você não vai  
Como saber se sou pai  
Do filho que espera ter?

19

Ela ficou magoada  
Seus genitores bem mais  
E expulsaram-na de casa  
Como hoje inda se faz  
Ela abandonou a escola  
Foi, então, pedir esmola  
Como qualquer incapaz.

20

Para outra escola fui  
De maneira compulsória  
Mas concluí meus estudos  
E segui minha trajetória  
Fui morar na capital  
Sentindo-me um maioral  
Esqueci aquela história.

21

Após quatro ou cinco anos  
Formei-me e coleí grau  
Comecei a trabalhar,  
Em Manaus, a Capital.  
Não pensava no passado  
Pra não ser incomodado  
Mas, um dia passei mal.

22

Tinha seguido minha vida  
Já havia até me casado  
Com uma mulher bonita  
Que por lá tinha encontrado  
Tivemos uma princesa  
Joia rara de beleza  
Senti-me realizado.

23

Porém, minha consciência  
Começou a incomodar,  
Arrumei as minhas malas  
Resolvi, então, voltar.  
Como a cidade é pequena  
Aquele moça morena  
Não foi difícil encontrar.

24

Quando ela abriu a porta  
Eu lhe disse: - Posso entrar?  
Ela respondeu: - Que queres  
Agora a me incomodar?  
Nesta altura da jornada  
Creio que não haja nada  
Que possas te interessar.

25

- Não acredito que te amei,  
Que fiquei a te esperar!  
Como uma menina boba  
Louca e sempre a sonhar.  
A minha vida acabou!  
O pão que o diabo amassou  
Eu comi. Não vou falar.

26

Mas, eu disse: E nosso filho?  
Diga-me como ele vai?  
Filho! Disse ela, o que tenho  
Dele tu não foste o pai.  
Pai, a meu ver, é quem cria  
Dá carinho todo dia  
Quando chega e quando sai.

27

Logo após esse diálogo  
Fiquei mais incomodado  
Quando entrou ali um moço  
Com um garoto a seu lado  
Reconheci que era o meu  
Oh meu Deus, como cresceu!  
E chorei desesperado.

28

Quando ele soube a verdade  
Disse sério, vá embora!  
Não quero saber de quem  
Desde sempre me ignora.  
Você, “pai” me abandonou  
Nunca na vida me amou  
Mas, eu estou bem agora.

29

No momento admiti  
Algo que antes nunca quis:  
Eu fui muito egoísta  
E foi besteira o que fiz.  
Também fui inconsequente  
Imoral e indecente  
E hoje um cara infeliz.

30

Se eu pudesse voltar  
No tempo que ocorreu  
Mudaria alguns detalhes  
Do fato que sucedeu  
O grande amor que acabou  
E tanta mágoa causou  
Deus, não era plano seu.

31

Do que fiz minha morena  
Não sinto orgulho, eu juro!  
Pensei, simplesmente, em mim  
Esquecendo o seu futuro  
Eu feri teu coração  
Por isso peço perdão  
Pois, sou um homem maduro.



32

Agora, sofrendo muito!  
Só então, pude aprender  
Escolhemos, somos livres,  
Porém, devemos saber  
Que nós somos responsáveis  
Pelos bons atos prováveis  
Como é nosso dever.

33

Você, caro leitor, ouça!  
Caso engravide alguém  
Aja, então, como bom pai,  
Na bondade que convém  
Fugindo do seu amor  
E do filho que gerou  
Ao homem não fica bem.

34

Agindo dessa maneira  
Vai, certo, se arrepender  
Poderá ser muito tarde  
Sem nada poder fazer.  
Como, comigo se deu,  
Ao perder um filho meu  
Porque muito fiz sofrer.

~FIM~

## O fofoqueiro

Ronilson Lopes

1.

Quero discutir um assunto  
Com você, caro leitor,  
Que a julgar pela importância  
Creio de muito valor!  
Tanto pro homem distinto  
Como para o sofredor.

2.

Trata-se de um costume  
Que a mim muito chateia  
E parece que tem gente  
Com tal costume na veia  
Que é comentar com os outros  
Assuntos da vida alheia.

4.

Quem não conhece o tipo  
No popular, fofoqueiro?  
Se dele não foste vítima  
Então, fique bem cabreiro,  
Pois, saiba que te observa,  
Às vezes, o dia inteiro.

5

Ele está sempre por perto  
Com o olhar bem sorrateiro  
Procurando um fato novo  
Mesmo sendo corriqueiro,  
Onde possa desfiar  
Um comentário certo.

6

É um sujeito comum  
Que se mostra solidário  
Faz cara de preocupado  
Mas, no fundo, é o contrário,  
Quer mesmo é prejudicar  
Com um simples comentário.

7

Por que ele assim o faz?  
Digo, para que entendas!  
E, possas reconhecer  
E evitar muitas contendas  
Pra depois do ocorrido  
Não mais te surpreendas.

8

Ele age assim por inveja  
Que lhe aflige e corrói  
Desejo de ser aquele  
Que, comentando, destrói  
Se pintando de bom moço  
Pousando-se de herói.

9

Comenta pra destruir  
O outro a quem deseja ser  
Como se suas qualidades  
Conseguisse absorver  
Assim fazendo, não cresce,  
Porém, deixa de viver.

10

Sente-se superior  
Quando comete desgraça  
Rebaixando o semelhante  
Corroendo como traça  
Pra ele a alegria alheia  
Configura-se ameaça.

11

Sente-se desanimado  
Ao ver o outro contente  
Vai logo sondar curioso  
E pergunta abertamente:  
Diga lá, meu caro amigo!  
Por que estás sorridente?

12

E o bobo desabafa  
Partilhando cegamente  
Cada acontecimento  
Com gratuidade inocente  
Sem saber que quem o ouve  
É ardilosa serpente.

13

A partilha causa espanto,  
No coração uma dor,  
Pois, o seu contentamento  
Causa-lhe grande terror.  
Diz-se contente, quando,  
Quer destruir com furor.

14

A cara frange e amarela  
Tal quem tem dor de barriga  
Sai se doendo por dentro  
Pra desfigurar-lhe a vida  
Comentando com os outros  
De maneira destorcida.

15

Ao saber tuas ideias  
Ele sorrir de você  
Como és tolo! Comenta.  
E caçoa com prazer  
No entanto, no seu íntimo  
Sente-se desfalecer.

16

Porque queria ele mesmo  
*Ter tuas boas ideias*  
As quais ele, não as teve,  
Por isso, rouba a plateia,  
Fazendo a desgraça alheia  
Em sua importante estreia.

17

Quando procurar seus pares  
Com a frase conhecida:  
Quero contar-te uma coisa  
A história de uma vida  
E assim sendo, tu deves,  
Guardá-la bem escondida.

18

Porém no fundo o sigilo  
Não é o que ele almeja  
Pois, que a notícia se espalhe  
É o que mais lhe deseja  
E quanto mais se alastra  
Mais ele ri e graceja.

19

Daí, fala exagerando  
Acerca do que se ouviu  
Aumentando cada ponto  
Descrevendo o que previu  
Acrescentando outros tantos  
Conforme assim presumiu.

20

Se o contrário acontece  
E ele vê você chorar  
Assim ele se contenta  
Seu peito enche-se de ar  
Com o ego massageado  
Explode de gargalhar.

21

Quer assumir o controle  
Pra poder sentir-se pleno  
Puxa o saco e manipula  
Com palavra e com aceno  
A sua língua ferina  
Destila mortal veneno.

22

Fofoqueiros, há dois tipos:  
Um deles é o refinado  
Cujas frases são cortantes  
Com cara de preocupado  
Prejudica qualquer um  
É um tremendo safado.

23

Outro é o deselegante  
De ambos, menos temido  
Porque ele se atrapalha  
É muito desentendido  
Ao espalhar seu veneno  
É por ele corroído.

24

Fofoqueiro tem costume  
De comentar com desdém  
Acerca do que mal sabe  
Sobre a vida de alguém  
Planta a semente do mal  
E assim se sente bem.

25

Por exemplo, quando ele,  
Vê o marido de alguém  
Falar com outra mulher,  
Raivoso não se contém,  
Vai avisar a esposa  
Que é chifre que ela tem.

26

Falando com muito jeito  
Como a lhe fazer um bem  
E a vítima inocente  
Acredita, diz amém!  
E o fofoqueiro saindo  
Sorrir com muito desdém.

27

Ou mesmo quando ele vê  
Um colega prosperando  
Não se aguenta de inveja  
E sai logo comentando:  
Esse aí, não tenho dúvida,  
Com certeza anda roubando!

28

No entanto, ele não luta  
Esforço não lhe cai bem  
Diz que a vida é muito injusta,  
Ou, que é vítima de alguém,  
Do mundo, sabe-se lá...  
Daí seu pouco vintém.

29

Não percebe que o tempo  
Que ele perde fofocando  
Poderia ser usado  
Para crescer, trabalhando.  
Por isso, só se contenta  
Destruindo e insultando.



30

E você, caro, leitor  
Se quiser sobreviver  
A este tipo de malandro  
Trate bem de aprender  
Os conselhos que te dou  
Para depois não sofrer.

31

Não digas sobre tua vida  
Mais do que o necessário  
Pra não te tornares vítima  
De algum conto do vigário  
Ele até parece amigo,  
Mas, no fundo é um falsário.

32

Pois, quem fala em demasia,  
Sem maldade presumir,  
Com as mãos entrega a arma  
Para o outro lhe ferir  
O mal destrói bem mais fácil  
Quem a ele consentir.

33

Por isso, não dê ouvidos,  
Escute, depois esqueça.  
E, não faça comentários  
Sobre a fala que ele teça  
Corte o mal pela raiz  
Antes mesmo que ele cresça.

34

Se quiseres dizer algo  
Jamais confie recado  
A quem possa destoar  
A não ser ao interessado  
Pois isso, vai lhe custar  
Um ultraje desgraçado.

35

Qualquer um está sujeito  
A cair numa cilada  
Do maldito fofoqueiro  
Que vive sem fazer nada  
Só espreitando quem leva  
Uma vida sossegada.

36

Viva para o teu trabalho  
No seio da tua família  
Tenha cuidado onde anda  
E as coisas que compartilha  
Observe se os amigos  
Seguem a mesma cartilha.

37

A descrição é um bem,  
Honestidade um valor,  
A honra é uma dádiva  
Que se conquista na dor  
De uma vida de labuta  
Do homem trabalhador.

38

Finalizo este cordel  
Com um apelo a você  
Vamos ter muito cuidado  
Ao ouvir e ao dizer  
Quem sabe assim a fofoca  
Possa desaparecer.

~FIM~

## Agradecimentos

Agradecemos muitíssimo a paciência e dedicação de Lidijane Rolim da Silva por fazer a belíssima capa desta Antologia.

## Os autores



**Elias de Souza.** Nascido em Pauini (AM), Elias Bezerra de Souza é escritor, poeta e compositor. Começou a escrever aos 14 anos, inspirado pela própria vida.

Em 1986 participou do Anuário de Poetas do Brasil. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR, é professor de Educação Básica Técnica e Tecnológica no Instituto Federal do Amazonas – IFAM *Campus* Lábrea (AM).

É autor de sete livros de publicação independente. Sua última publicação é uma participação no e-Book “Educar é um Ato Político”- Vol. III, organizado por Ivanio Dickmann (2020). Atualmente cursa Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades na Universidade Federal do Amazonas – UFAM.



**João Uilson.** Nasceu em Barbalha – CE. Graduado em Filosofia e Especialista em PROEJA, João Uilson Vieira Filho é autor do Livro *Desencontro*, dos livros de cordéis *Mitologia Grega* e *Diálogos Filosóficos em Literatura de Cordel* e do livro *Filosofia e Vida: Diálogos entre amigos*, esses dois últimos em parceria com o escritor Ronilson Lopes. Atualmente é mestrando em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI.



**João Pedro da Silva Antelo.** Nascido em Guajará-Mirim – RO, é formado em Letras, Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Atualmente cursa o Mestrado em Estudos Literários pela Mesma universidade.



**Nilton Azevedo de Oliveira Neto** (1988–) é amazonense, natural da zona rural de Codajás, município localizado a 239,64 km em linha reta da Capital Manaus. Foi lá que, por volta dos dois anos de idade conheceu a Literatura de Cordel, ouvindo seu pai ler **O filho de Evangelista do Pavão Misterioso**, de Manoel Apolinário Pereira. Começou a escrever em 2016 quando conheceu a obra de Patativa do Assaré, a qual veio para consolidar a paixão pelo Cordel.



**Ronilson Lopesé** maranhense de Carolina. Tocantinense de coração e de vivências. Ronilson de Sousa Lopes é escritor, poeta, contista e professor de Filosofia do Instituto Federal do Amazonas. Membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências ‘A palavra do século 21’ – ALPAS 21. Atualmente cursa Mestrado em Estudos Literários na Universidade Federal de Rondônia – UNIR.



**Suelem Maquiné Rodrigues** é do Amazonas, mas foi criada no Ceará, sempre transitou com coração e vida por esses dois Estados. Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela UFC (Universidade Federal do Ceará) e Letras – Libras (Língua Brasileira de Sinais) pela UFAM (Universidade Federal do Amazonas). É especialista em Libras e Mestre pelo MPET (Mestrado Profissional de Ensino Tecnológico- IFAM). Atualmente é professora do Curso de Letras – Português e Inglês do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE - Campus Tianguá). Desde menina, apaixonou-se pela Literatura e fez da palavra seu instrumento de vida.

www.editorapublicar.com.br  
contato@editorapublicar.com.br  
@epublicar  
facebook.com.br/epublicar

# RIMAS AMAZÔNICAS

NILTON AZEVEDO (ORG.)  
ELIAS DE SOUZA  
JOÃO PEDRO DE S. ANTELO  
JOÃO UILSON  
RONILSON LOPES



2020



www.editorapublicar.com.br  
contato@editorapublicar.com.br  
@epublicar  
facebook.com.br/epublicar

# RIMAS AMAZÔNICAS

NILTON AZEVEDO (ORG.)  
ELIAS DE SOUZA  
JOÃO PEDRO DE S. ANTELO  
JOÃO UILSON  
RONILSON LOPES



2020